

# UM OLHAR SOCIOETNOGRÁFICO SOBRE A PRÁTICA DOS SKATISTAS NA “TRINDA” (FLORIANÓPOLIS/SC)

---

Júlio Gabriel de Sá Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende refletir sobre as relações que os skatistas constroem em um determinado espaço da cidade de Florianópolis, a saber, a pista de skate do bairro Trindade – a *Trinda*. Partimos de uma investigação de cunho etnográfica, com o auxílio de entrevistas semiestruturadas e observação participante, trazendo para a reflexão o discurso dos interlocutores. É abordado também, ainda que de forma introdutória, o histórico da prática do skate em Florianópolis. Para a devida complexificação do tema, segue-se a discussão sobre o campo skatista, a partir do que Pierre Bourdieu pensou sobre campo esportivo, espaço onde circulam discursos que disputam o monopólio da definição de certa prática. Apresentamos a discussão sobre a disposição do *habitus*, considerado produtor das práticas e de seus esquemas de percepção e julgamento dos skatistas, neste caso. A sociabilidade, entendida como aspecto que perpassa o campo skatista, é analisada segundo estudos de José Magnani e suas pesquisas sobre o meio urbano, principalmente quando trata do conceito de *pedaço*. Como resultado, percebeu-se a importância de estudar a prática do skate, no que se refere à participação dos atores estudados no desenvolvimento dos discursos sobre o meio urbano.

Palavras-chave: skate; pedaço; campo; habitus; Trinda.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É mestrando no Programa de Pós Graduação em Educação – linha de pesquisa “Sociologia da Educação” – na mesma universidade. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID - UFSC); possui vínculo de pesquisador com o Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI) e com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade Contemporânea.

## Introdução

Esta pesquisa trará algumas ponderações a respeito dos skatistas, controversos, polêmicos e contestados sujeitos, como muitas vezes invoca o senso comum, que cada vez mais ocupam espaço e visibilidade nas cidades de todo o mundo. Buscarei mostrar que são indivíduos engajados e comprometidos com aquilo que desejam, capazes de perceber de outros modos o que ocorre no cotidiano, especialmente no seu habitat: a cidade. É preciso, portanto, situar a presença destes indivíduos na discussão da questão urbana, de modo que a mesma não se torne esvaziada, como aponta Magnani (2002):

Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade (MAGNANI, 2002, p.14).

Considera-se assim, relevante investigar as ações daqueles que geralmente ficam à margem do discurso oficial. Para isto, a questão da sociabilidade será levantada com o intuito de revelar ações, atividades em dado campo, e toda uma rede de significados amparados por uma estrutura de disposições simbólicas, na qual a prática do skate está envolvida.

Entre os jovens, o skate é uma modalidade esportiva muito praticada atualmente. No Brasil, inclusive, o skate se desenvolveu em grande escala, tendo construído suas próprias mídias, um mercado especializado e em crescimento, além de nomes reconhecidos no hall de esportistas<sup>2</sup>, que movimentam ao mesmo tempo, não somente o mercado do skate, mas também os discursos sobre esta prática, ajudando a construir muito mais que somente um esporte com fins para o exercício do corpo, manutenção da saúde ou simples entretenimento. A preocupação colocada nesta pesquisa é a de tentar entender também aspectos que não são colocados quando se parte de um ponto de vista comum e simplificador da ação dos skatistas. Na tentativa de problematizar tal temática, buscou-se como fundamento metodológico a etnografia com a finalidade de trazer para a pesquisa um viés qualitativo, tendo em vista o objetivo de se estudar aqui aspectos correntes em nossa sociedade ou, em outras palavras, os fenômenos sociais.

---

<sup>2</sup> Skatistas como Bob Burnquist, Sandro Dias – o “Minheirinho”, Lincoln Ueda, Luan de Oliveira, Pedro Barros, entre tantos outros, divulgam o skate pelo mundo participando de competições e demonstrações.

De modo mais objetivo a pesquisa foi realizada a partir do contato com os interlocutores, que praticam o skate na pista situada no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis. Esta é uma das quatro pistas públicas da cidade<sup>3</sup>, além das pistas particulares<sup>4</sup>. A escolha do local não está somente no fato de já frequentá-lo antes do início da pesquisa<sup>5</sup>, mas também por ser um espaço situado na região central da Ilha de Santa Catarina, próximo a outros bairros<sup>6</sup>.

Com a intenção de levantar dados para a análise e dar voz aos skatistas locais, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de modo que a oportunidade foi considerada também como minha apresentação também como pesquisador. As perguntas feitas seguiram basicamente a mesma estrutura para todos os entrevistados: há quanto tempo anda de skate? Por que escolheu o skate; o que motivou? Pratica outro esporte? O que a família acha de você ser skatista? Suas amizades estão relacionadas necessariamente a prática do skate; e/ou, suas aproximações se dão pelo estilo de se comportar como skatista? Trabalha e/ou estuda? Mora próximo à pista; como se desloca até o local? Anda de skate em outros lugares; na rua e/ou pistas? Quais as impressões sobre a pista da Trindade, em relação ao aspecto físico e a sociabilidade?

Foram entrevistados quatro skatistas, escolhidos durante as observações feitas em campo. Notei que todos estes tinham presença frequente no local, e, além disso, o que balizou minha escolha foi a possibilidade de terem alguma relação com a construção dos obstáculos na ocupação da quadra anexa à pista; assim como a questão do estilo, ou a maneira de se comportar praticando skate, e a questão do tempo em que anda de skate. A presença em campo se deu num intervalo de quase um ano, de fins de 2013 a setembro de 2014, sendo que as observações não se deram de maneira constante e intensa, variando entre idas diárias e semanas distantes.

---

<sup>3</sup> As cidades de São José e Santo Amaro da Imperatriz, que fazem parte da região da Grande Florianópolis, também contam com pistas públicas no formato street. Disponível em: <<http://www.asgf.com.br/p/guia-de-pistas.html>> Acesso em: 21 mai. 2015

<sup>4</sup> Estas pistas são em sua maioria no formato bowl, mini ramp e half pipe. A única pista particular em formato street está localizada no bairro Kobrasol na cidade de São José. Disponível em: <<http://www.asgf.com.br/p/guia-de-pistas.html>> Acesso em: 21 mai. 2015.

<sup>5</sup> A motivação para esta pesquisa parte também de minha vivência com o skate, onde pude experimentar as cidades de outro modo, me possibilitando construir relações significativas com amigos skatistas.

<sup>6</sup> Os bairros são: Agrônômica, Serrinha, Carvoeira, Pantanal, Córrego Grande, Itacorubi, Santa Mônica. A localidade também é conhecida pela intensa movimentação por parte da continuidade de uma movimentada avenida da cidade (Avenida Beira Mar Norte); por estar próxima a um dos principais shopping centers da cidade (Shopping Iguatemi), além da proximidade com a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma escola pública e um terminal de integração do transporte urbano local.

## Skate em Florianópolis

O skate de rua<sup>7</sup>, modalidade foco da pesquisa, é uma das mais populares entre os skatistas<sup>8</sup>. Numa rápida visualização nas capas de revistas e sites especializados em skate<sup>9</sup>, nota-se a prática se dando em locais não voltados para isto, ou seja, nas ruas. Em Florianópolis o skate vem sendo praticado desde a década de 1970 na lendária pista do Clube 12 de Agosto. Em relato de skatistas da época, encontramos referência aos campeonatos que aconteciam no local e a relação com o surf: “Florianópolis *bombou*, mas poderia ter *bombado* mais. Mas não teve incentivo nem vontade política. Os eventos eram gigantes, fazíamos dois mil cartazes e cem mil panfletos e distribuíamos do Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Rio Grande do Sul [sic]. A galera descia em peso.” (KLEY, 2014). “Tinha muito a ver com o surf, principalmente o espírito do surf, a galera, as manobras, e o astral da Ilha” (OLIVEIRA, 2014). No início dos anos 1990, com o crescimento do *street skate* e o desenvolvimento das pistas, o clube perde a frequência dos skatistas e a pista é abandonada (MANCHA, 2013).

Na virada do século, a construção de pistas públicas na cidade desenvolve nova movimentação para os skatistas da cidade. Irei tratar especificamente da *skatepark* da Trindade, ou, se utilizando do termo nativo: da *Trinda*. Para melhor visualizarmos o ambiente, devemos entender outras denominações locais: pista e quadra (ou quadrinha). A primeira se refere ao espaço construído pelo poder público, onde se encontram as rampas feitas de concreto voltadas para a prática do skate. A segunda se refere à quadra poliesportiva<sup>10</sup>, que teve sua finalidade inicial – a prática de futsal, basquete e vôlei, etc. – ressignificada pelos skatistas, que adaptaram no local obstáculos construídos por eles mesmos<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> No skate de rua, ou *Street skate*, os skatistas utilizam tanto os equipamentos e outros elementos urbanos (calçadas; escadas; bancos; corrimãos, etc.), assim como suas réplicas nas pistas de skate.

<sup>8</sup> Entre outras modalidades mais difundidas estão: *vertical*, *bowl*, *downhill*, *freestyle*.

<sup>9</sup> Algumas das mídias: <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/>>; <<http://triboskate.globo.com/>>; <<http://www.thrasher magazine.com/>>; <<http://skateboarding.transworld.net/>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

<sup>10</sup> Num sentido mais amplo, tanto a pista quanto a quadra fazem parte de uma praça recreativa que compreende também um campo de futebol, um parquinho de diversões infantil e uma lanchonete.

<sup>11</sup> No decorrer do texto irei me referir a *skatepark* da Trinda ao tratar deste ambiente skatista num sentido mais amplo. De modo mais específico quando necessário, diferenciarei a pista da quadra.

Figura 1: Pista do Jurerê em dia de evento – década de 1970.



Fonte: <<http://www.surfecult.com/2011/04/cuidado-perigo.html>>. Acesso em: 4 out. 2014.

Figura 2: Visão do skatepark da Trinda.



Fonte: ferramenta Bing Mapas <[www.bing.com/maps/](http://www.bing.com/maps/)>. Acesso em: 11 jul. 2015.

Figura 3: Ilha de Santa Catarina – Florianópolis.



Fonte: <<http://www.verdejava.com.br/lugares/florianopolis/ilha-de-santa-catarina-florianopolis.jpg>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

## **Campo e habitus skatista**

Apesar de o skate apresentar características que vão além das usuais no esporte tradicional – como, por exemplo, o envolvimento direto com a música e com as artes visuais –, esta prática foi tratada na pesquisa também como uma prática esportiva. Neste sentido, procuraremos entender a prática do skate envolvido num campo esportivo no qual se encontram outros, como por exemplo, o futebol, o voleibol, o basquetebol, etc. Para isto nos basearemos, nas discussões desenvolvidas por Pierre Bourdieu (1983; 2004), principalmente no que se refere aos conceitos de *campo* e *habitus*.

Segundo Bourdieu, o campo, qualquer que seja, se configura através de regras e códigos próprios, onde os atores sociais estão dispostos, de maneira influente ou influenciados, nas disputas pelo poder do campo, seja pelo aspecto material ou pelo simbólico. Conforme Bourdieu, “para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” (BOURDIEU, 1983, p. 89). Assim, cada sujeito deve estar pronto a jogar o jogo, desde que apresente certas credenciais que demonstrem o conhecimento necessário para a inserção em tal campo, assim como neste mesmo campo poderá ser reconhecido. Estas credenciais seriam o habitus, como concebeu Bourdieu: um conjunto de referências incorporadas – culturais, materiais, econômicas, simbólicas, sociais – que distinguem cada indivíduo no/entre os campos.

Para Bourdieu (1983),

a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1983, p. 137).

Neste sentido, Bourdieu defende que as ciências sociais devem se preocupar em construir uma história social das práticas esportivas, buscando entender em nossa sociedade a partir de que condições se torna possível destacar o esporte, em seu sentido geral, da ideia de jogo simplesmente.

O skate teve sua construção histórica rica em aspectos culturais. Passou de brincadeira, a estilo de vida juvenil, contestador, artístico; reconfigurou no concreto os movimentos feitos no

mar pelos surfistas, desenvolvendo outra forma de se relacionar com o ambiente urbano e com o corpo; constituiu através dos anos seu nicho próprio na mídia com a veiculação de notícias, propagandas de materiais, marcas e lojas especializadas; e tem buscado se estabelecer enquanto esporte, profissionalizando skatistas, tornando-os atletas – fato que não encontra unanimidade entre os praticantes. Desta forma, pode-se dizer que o skate tem se estabelecido no campo esportivo, já que desenvolve uma cultura histórica própria. Podemos acrescentar também o desenvolvimento de um discurso de racionalização, visto como aspecto importante na evolução do campo esportivo, onde notamos a busca por uma evolução do skate, no sentido de estabelecê-lo enquanto prática esportiva institucionalizada, ou reconhecida, assim como os esportes tradicionalmente estabelecidos.

A prática *esportivizada* do skate – ou o esforço para que isto aconteça – gera discussões que precisam de maior reflexão nas pesquisas sobre o tema, com o intuito de apontar as distinções desta prática, reforçando sua posição mais ou menos relativa frente a outros campos. Sem o compromisso de oferecer uma resposta sobre o skate ser ou não ser um esporte, e o skatista ser ou não um atleta, trataremos do que já se discutiu sobre a relação entre jogo e esporte.

Enquanto no senso comum estes dois aspectos – jogo e esporte – são vistos como naturalmente complementares, há pesquisadores que se aprofundam no assunto para desconstruir estas noções. Magnane (1969), por exemplo, propõe examinar as causas pelas quais o esporte acabou por corromper o jogo, como originalmente se dava, através dos fetichistas do músculo e da proeza física. Magnane (1969) propõe limites para que se delimite a reflexão sobre esporte e jogo, onde estariam “[...] de um lado o esporte não-lúdico: não só o dos profissionais, mas o dos atletas que só visam o recorde (e a consagração que ele implica) e, de outro, o esporte que, fiel às suas origens, quer permanecer um jogo” (p.135). Este autor se baseia fortemente no que estudou John Huizinga (1872 – 1945), que analisou de modo mais apurado o caráter antilúdico do esporte no início do século XX. Huizinga (*Homo Ludens* apud MAGNANE, 1969) destacou como o esporte se tornou elemento civilizatório de modo único, se desconectando de um contexto cultural, tornando-se infértil no sentido lúdico. Há, portanto, neste discurso, a crítica à austeridade do esporte competitivo, atrelado a um ideal de sucesso no seio de um processo de civilização. Magnane (1969) continua:

Trata-se, em suma, de nos perguntarmos se o jogo não é muito mais importante, e muito mais *profundo*, que o espírito de seriedade e que as distorções (ou ‘caretas’)

que foram introduzidas no esporte pelos responsáveis por sua orientação atual. ‘A seriedade, escrevia Huizinga, é o não-jogo, e nada mais’. O que, para êle, implicava em que nada era mais incompatível com a cultura que o ‘sério’ determinista (MAGNANE, 1969, p.141).

A discussão aqui se dá, sobretudo, a respeito do papel do esporte no desenvolvimento de uma civilização amparada pela cultura da técnica e da razão instrumental, em detrimento das sensações, das emoções. Não há espaço, defende Magnane (1969) para o livre agir, para a atividade sem objetivo.

Neste sentido, tornando ao nosso objeto de pesquisa, podemos pensar que se suprime um ideal de tempo livre procurado pelos skatistas, que buscam dar prioridade aos aspectos emocionais ao se praticar skate – adrenalina, por exemplo. A discussão sobre a esportivização do skate traz consigo necessariamente a reflexão sobre uma *essência skatista*, como nota-se nas entrelinhas dos discursos de boa parte dos praticantes, que muitas vezes a definem como livre de regras, de competições; onde o objetivo é se divertir entre amigos. Poderíamos inclusive relacionar este aspecto da institucionalização do skate, a uma tensão que se nota quando o assunto é a discriminação sofrida pelos skatistas, já que o skate apresenta características vistas geralmente como transgressoras – como, por exemplo, andar em locais proibidos, visual e atitudes agressivas, etc. Um dos nossos interlocutores coloca como entende uma imagem do skatista:

[O skate] desde o começo, nunca foi uma parada tipo andar de bicicleta. Tu vê as pessoas andando de bicicleta é de boa. Mas tipo, quero ver tu passar do lado de uma velhinha andando de skate. Se passar eu de bicicleta a velhinha é de boa, mas se passa eu andando de skate, já para assim... Olha, tá ligado? Vai pra longe, já fica de cara, tipo: o que que esse vagabundo tá fazendo? [relato interlocutor Trujillo].

A imagem construída sobre os skatistas não se baseia somente no que vem *de fora* do campo skatista, mas é também atinge e é fundamentada em seu interior. O skate atualmente encontra entre seus praticantes discursos que representam ideias diferentes sobre a prática, e que nos apontam aquilo que queremos entender aqui: como se desenvolve o campo do skate, e como seus agentes atuam neste processo? Segundo Pierre Bourdieu (1983): “A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de autoadministração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 140). Neste sentido

podemos citar o esforço de instituições específicas para tornar o skate uma prática relativamente autônoma, como veremos a seguir.

Nos anos 1960-70 nos Estados Unidos, e posteriormente no Brasil, a onda skatista atingiu não somente a postura e a mentalidade dos jovens praticantes, bem como movimentou o mercado, a mídia e o Estado. Este último tendo que se mobilizar para atender o número crescente de praticantes que ocupavam as ruas e praças das cidades, construindo espaços voltados para a prática do skate (BRANDÃO, 2006; 2010; 2012). O mercado do skate no Brasil também deve ser adicionado como fator importante para a construção do campo do skate. Com inúmeras marcas e lojas especializadas no estilo e material espalhadas pelo país, o skate é responsável por movimentar um bilhão de reais por ano em roupas e acessórios<sup>12</sup>. Além disso, as marcas são responsáveis pela divulgação do esporte, principalmente através de grandes eventos<sup>13</sup>.

Ainda em relação aos campeonatos e supereventos de skate, não se pode deixar de ressaltar uma discussão que vem dividindo opiniões de skatistas e simpatizantes nos últimos anos, e que pode nos dar um exemplo de como os agentes se movimentam neste campo esportivo. O assunto no caso é sobre a possibilidade de o skate se tornar esporte olímpico.

Desde os Jogos de Atlanta em 1996, o skate vem sendo sondado a fazer parte das Olimpíadas. Isto se fortalece no decorrer dos anos 2000, quando o BMX – bicicross –, também considerado por muitos como um esporte radical, passa a integrar o evento em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim. A possibilidade desta adesão tem por trás os esforços do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da emissora de televisão NBC, segundo o skatista norte americano Neal Hendrix, em matéria publicada no site da revista 100% SKATE (VIEGAS, 2012). O skatista aponta que “ambos perceberam que precisam atrair o interesse da juventude para as Olimpíadas, porque todos os esportes olímpicos estão envelhecidos e ‘cansados’, não interessam a juventude de hoje” (VIEGAS, 2012).

---

<sup>12</sup> “Skate movimenta R\$ 1 bilhão em vendas no País e há oportunidades para pequenos empresários”.

Disponível em: <<http://pme.estadao.com.br/noticias/noticias,skate-movimenta-r-1-bilhao-em-vendas-no-pais-e-ha-oportunidades-para-pequenos-empresarios,4291,0.htm>> Acesso em: 5 fev. 2015.

<sup>13</sup> Nos Estados Unidos, por exemplo, o campeonato *Street League*, um dos maiores campeonatos da atualidade na modalidade *street skate*, tem como um dos maiores patrocinadores a empresa Nike, famosa no ramo dos esportes, que atualmente oferece também uma linha de produtos voltados para o skate. A grandiosidade do evento se confirma com a premiação distribuída aos vencedores desta competição: somente em 2014 o campeonato pagou mais de um milhão de dólares aos skatistas. Ademais, as etapas são transmitidas e amplamente divulgadas pelo canal de sinal fechado FOX Sports 1. Mais informações em: <<http://streetleague.com/about/>> Acesso em: 5 fev. 2015.

Alguns relatos demonstram a tensão existente neste campo sobre o assunto das Olimpíadas, como, por exemplo, o de Rony Gomes, skatista profissional brasileiro. Para ele: “seremos mais respeitados e teremos uma visibilidade muito maior, com isso mais pessoas irão andar de skate e conseqüentemente mais gente investindo no nosso mercado, mais patrocinadores, mais *skateparks*.” (VIEGAS, 2012). O skatista profissional brasileiro Adelmo Jr, por outro lado, critica a inclusão. Segundo ele, “o skate já passou por isso e evoluiu pra algo muito maior do que um esporte: um movimento que tem sua identidade própria e se recicla constantemente, livre de conceitos únicos e regras.” (VIEGAS, 2012).

Em conversa com os interlocutores desta pesquisa, abordamos o assunto dos campeonatos, mais especificamente os que ocorrem nas proximidades, onde participam ou já participaram, para entendermos as relações e pontos de vista que estes constroem a partir de tais eventos. A intenção aqui é ilustrar como os mesmos podem colaborar em nossa discussão, no sentido de refletirmos sobre o que se convencionou chamar entre os skatistas de essência do skate. Segundo Koston<sup>14</sup>, a prática do skate vai além da competição e do fato de o skatista ser tratado como um atleta. Para ele o skate é diferente dos outros esportes, pois não estimula rivalidades, assim como no futebol, onde os torcedores chegam a se agredir pelas suas preferências de clubes:

[é] praticamente uma reunião de amigos, num campeonato né. Alguém ganha, óbvio que tem competição, se você tá disposto a competir você tem que... Se inscreveu, você já tem uma competição né. Então você tem que no mínimo focar nisso. Mas o foco principal é andar de skate, ver os amigos, conversar, aprender coisa nova [inserção minha].

Em relação às federações e associações, e lojas de skate que promovem campeonatos, além do poder público que deveria zelar pelo local, Koston critica o fato de algumas destas organizações não oferecerem retorno para os skatistas locais, mais especificamente no *skatepark* da Trindade, de onde fala este interlocutor. Para ele: “não agrega nada *pro* local, eles não dão um suporte, não colocam uma pista boa pra se treinar manobras novas. Não ajudam quem anda de skate no local. Só fica em questão do campeonato e fim”.

Trujillo, outro entrevistado, também tem uma visão crítica sobre competições. Comentou ter participado de algumas, mas que não gosta de campeonatos. Segundo ele, a competição não

---

<sup>14</sup> Para preservar a identidade dos entrevistados seus nomes foram mudados, tendo como referência os sobrenomes de skatistas renomados internacionalmente (Daewon Song, Tony Trujillo, Eric Koston e Chad Muska) escolhidos por mim a partir das características de cada um, como o estilo, ou idade, aparência, etc.

deve ser o foco da prática do skate: “eu já conheço bicho que já é assim: ‘se não ganhar campeonato tu é um merda’. Acho essa a coisa mais podre: ‘vou treinar’. Pô, se tu quer treinar vai, sei lá... Levantar peso, vai fazer abdominal. Se quer andar de skate vai se divertir”. Ainda assim, Trujillo conta que pensa em competir futuramente, já que, muito recentemente, passou à categoria *amador*, competindo com skatistas mais experientes.

A mídia skatista também se desenvolveu com o passar dos anos até a atualidade. O skate atualmente é divulgado em revistas especializadas, e mais intensamente nos últimos anos, em sites, blogs e canais de vídeos na internet, que oferecem vasto material e são bastante compartilhados nas redes sociais. Estas ferramentas podem ser consideradas fortes colaboradoras no fortalecimento do skate no campo esportista. Um de seus aspectos mais importantes, podemos dizer que seria a de reforçar o *habitus* do skatista, construindo uma ideia do que seria *andar de skate*; compartilhando códigos e símbolos necessários para que o skatista se identifique enquanto tal. Ou seja:

É óbvio que a cada momento, cada recém-chegado deve contar com um estado determinado das práticas e consumos esportivos e de sua distribuição entre as classes, estado que não lhe compete modificar e que é o resultado de toda a história anterior da concorrência entre os agentes e as instituições engajadas no ‘campo esportivo’. (BOURDIEU, 1983, p. 148).

Devemos entender a mídia neste caso como colaboradora na construção daquilo que se diz *ser skatista*<sup>15</sup>. São pontos de vista que vão ao encontro também daquilo que os interlocutores desta pesquisa pensam sobre o que seria andar de skate. Koston, natural da cidade de São Paulo, relatou o choque que sentiu quando passou a viver em Florianópolis e andar de skate na

---

<sup>15</sup> Na revista 100% SKATE (2003), edição especial de entrevistas com skatistas profissionais brasileiros, encontramos alguns discursos interessantes, para melhor ilustrar nossa discussão. É possível perceber nos discursos dos skatistas a relação com uma visão de mundo que está encadeado aos aspectos objetivos de nossa sociedade – trabalho, por exemplo –, mas também valoriza uma relação com sentidos mais abstratos: aquilo que as emoções podem oferecer a cada um de diversas formas. Como por exemplo: “skate para mim é uma filosofia de vida num contexto maior. É uma arte.” – Rogério Mancha (100% SKATE, 2003, p. 34). Sobre visão de mundo e a relação com o skate: “nossa vida é o que nossos pensamentos determinam. O que eu penso é em andar de skate até não aguentar mais. Andar do meu jeito [...], mas respeitando todo mundo.” – Alberto Xuxinha (100% SKATE, 2003, p. 47). Sobre dividir o tempo de skate com o trabalho formal: “é claro que conciliar os dois é difícil [...]. Eu já fiquei um tempo só andando de skate [...], sem trabalhar, o dia inteiro só skate, mas não era tão bom, eu não ficava tão motivado.” – Paulinho Barata (100% SKATE, 2003, p. 55). Em relação aos campeonatos: “é bem melhor você estar com seus amigos, filmando e evoluindo, do que estar correndo campeonato, [...]. Na realidade, a gente não se preocupa com a colocação de campeonato, o que importa é estar em cima do skate e andando.” – Anderson Curumim (100% SKATE, 2003, p. 59). Sobre ser skatista: “sou skatista por prazer, por ser um esporte totalmente diferente dos outros. No skate você não tem limite.” – Gui Zolin (100% SKATE, 2003, p. 65). Sobre o mercado do skate: “o maior problema é a não valorização do atleta: na empresa ele é considerado mais um funcionário. É preciso ver o retorno que o atleta dá para as empresas. [...], nós, atletas, saímos para andar de skate aonde for e estamos carregando o nome da marca [...].” – Marcos Mamá (100% SKATE, 2003, p. 69).

Trindade, com uma bagagem construída a partir da sua vivência em outra cidade: “Eu vejo aqui muita gente que gosta de skate, mas não tem o feeling do skate. Não entendem realmente o que é o skate. Porque o skate hoje em dia tá muito fácil. A gente veio de outra época. Não nascia obstáculo de um dia pro outro, a gente fazia”. Para Trujillo, skate vai além do domínio da técnica e das execuções mecânicas das manobras, se comparado a outros esportes:

Eu acho que skate é... Não sei se pode se dizer um esporte, mas que tipo, abrange várias outras coisas. Skate não é só tipo: chutar a bola no gol e deu. Ou vai lá, manda um flip<sup>16</sup> e deu. Tem toda uma questão de estilo envolvido. Toda uma questão de arte, tá ligado. Não adianta tu mandar uma manobra impossível sendo feia. Não faz sentido tu mandar uma parada difícil sem ter estilo. Sei lá, é diferente das outras paradas, dos outros esportes.

Diante destes relatos que foram apresentados até agora, buscamos refletir primeiramente sobre a construção de um campo do skate inserido no contexto – ou num campo mais abrangente, por assim dizer – das práticas esportivas. Resumindo:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo – conselheiros conjugais, dietistas, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 142).

Com isto, as representações da realidade de cada skatista, através do que Pierre Bourdieu chamou de *habitus*, são incorporadas através dos discursos que disputam espaço de legitimidade neste campo. Ou seja: que interesse tem um skatista em participar de uma Olimpíada? Será o mesmo de grandes empresários de importantes marcas de skate? O que está por trás das entrevistas publicadas pelas revistas especializadas? Que ideal é transmitido? A saber:

O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis

---

<sup>16</sup> Manobra em que o skate gira em torno de seu próprio eixo.

para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender lhes o sentido social (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Aqui podemos relacionar ao campo skatista, por exemplo, os campos da arte, da política, do urbanismo, do virtual – internet –, do trabalho, etc. Estes, com seus *habitus* próprios agindo em maior ou menor grau nos demais campos. São, portanto, pontos de vista desenvolvidos a partir da prática subjetiva de cada um, que ao mesmo tempo recebe tentativas de objetivação por parte das representações situadas no campo, como já citamos. Além disso, tais discursos estão em constante movimento, sendo compartilhados nas relações sociais cotidianas dos skatistas, ainda mais entre pares. É neste ponto que devemos voltar o olhar para as ligações de sociabilidade.

### **Sociabilidade no pedaço skatista**

A questão da sociabilidade transpassa os temas abordados anteriormente. Nossa vida em sociedade, para não nos basearmos num ponto de vista que naturaliza nossas relações, é tratada aqui a partir do que culturalmente experimentamos. Entendendo o skate como uma prática fortemente relacionada a uma *cultura juvenil* e de presença cada vez maior nos centros urbanos, partimos do ambiente de um skatepark, entendido não somente como *rua* de forma genérica, mas buscando analisar inicialmente este contexto em relação a outros já tradicionalmente estabelecidos, como a escola e a casa, por exemplo.

Nesse tecido das instituições que recobrem as formas de sociabilidade juvenil, de sua mudança e crise, adquirem um relevo fundamental as dimensões socializadoras do mundo da rua. De algum modo, a rua se inscreve na sociabilidade urbana, em vários momentos da vida das cidades, mas ela se reveste de especificidades históricas que precisam ser consideradas e examinadas na interação com outras instituições socializadoras (SPOSITO, 1993, p. 166).

O distanciamento dos jovens das práticas políticas coletivas tradicionais, como por exemplo, sindicatos e partidos, se refletem em outras formas de ação coletiva no espaço urbano, onde “ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos

coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação étnica, racista, musical, religiosa ou as agressivas torcidas de futebol” (SPOSITO, 1993, p. 162). Assim, “percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão.” (SPOSITO, 1993, p. 162). Neste caso, buscou-se identificar os sinais sobre a estrutura de uma ação coletiva no campo de pesquisa. Como já colocado, o ambiente pesquisado foi ressignificado de acordo com a expectativa dos sujeitos que fazem uso dela. Ponto este que nos remete a existência de uma ação coletiva organizada, bem como às relações de sociabilidade.

José Magnani (2005) aponta que a ideia de espaço público nos leva à distinção, necessária, entre convivência e sociabilidade. A convivência é a relação cotidiana, mas não implica obrigatoriamente em comunicação, ou sequer conhecimento. No espaço público, desconhecidos convivem. Mesmo em se tratando de grupos ou pessoas que se conhecem, a convivência não gera obrigatoriamente laços mais íntimos. A sociabilidade implica em estreitamento de laços. Indivíduos numa relação de sociabilidade têm algum tipo de identificação comum, algo que os une além do mero fato de frequentarem os mesmos espaços. Sociabilidade é o laço comum: são indivíduos que, se conhecendo e reconhecendo, constituem-se enquanto grupo.

Apesar do processo econômico que redefine a ordem urbana, a necessidade de encontro faz com que muitas pessoas reconfigurem espaços que, mesmo tendo outra função, recebem outro significado. Isto é, na impessoalidade aparente dos centros urbanos se constroem espaços informais de sociabilidade que relacionam seus frequentadores na criação de laços com um lugar, um *pedaço* seu. Estes espaços muitas vezes possuem caráter de auto-organização, ninguém os declara abertos, ninguém os instala. Sua criação é parte de um processo coletivo, sem planejamento. Magnani (2005) então, com a ideia de *circuito de jovens*, busca entender a sociabilidade juvenil, bem como questões de permanências e regularidades nos espaços. Segundo o autor, a análise dos circuitos deve

levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores etc.), como o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário, e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço. (MAGNANI, 2005, p. 177).

Para Magnani (1998), portanto, o aspecto de pedaço estaria ligado à noção que se tem das relações entendidas como algo mais próximo ao privado:

o termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 1998, p. 116).

Este conceito surgiu por necessidade metodológica do autor nas pesquisas realizadas na cidade do porte de São Paulo, onde a heterogeneidade, a diversidade, a desordem, aparecem como predominantes. No entanto, quando se olha *de perto e de dentro* começa-se a descobrir regularidades e não o caos e a fragmentação como normalmente aparecem no senso comum. Segundo Magnani (2002), o olhar atento do etnólogo pode ultrapassar a barreira do usual e descobrir que os atores sociais, no seu cotidiano têm padrões de comportamento que são regulares. Assim, se Roberto Da Matta define o espaço público – a rua – em oposição ao espaço privado – a casa –, Magnani (1998) percebe que o relacionamento que se estabelece entre os usuários do espaço público por vezes foge aos interesses de sua definição. Um espaço público não é por si só, um espaço de sociabilidade. Nas áreas de uso comum da cidade, as pessoas podem circular sem estabelecer qualquer contato pessoal. O espaço público pode ser o espaço do anonimato, da circulação de indivíduos estranhos entre si.

Entendendo a cidade de Florianópolis como parte de uma região metropolitana – a grande Florianópolis<sup>17</sup> –, podemos analisar nosso campo em específico como ambiente que atrai pessoas não só de seus arredores mais próximos, mas também de bairros e cidades vizinhas. Muska comenta que a influência de amigos nos primeiros contatos com o skate, são um dos pontos fortes para se chegar a algo mais amplo, como no caso do skatepark da Trindade, que recebe skatistas de vários lugares e não só do bairro. Para ele: “No fim, hoje aqui tem skatistas de vários locais, [...]. Ó, ali tem Monte Verde, tem os moleques lá do sul da Ilha, moleque lá do norte da Ilha, do continente. Sempre tão aqui. Isso aqui não é uma galera de um bairro”. Este mesmo interlocutor é morador da cidade de Palhoça. Os outros skatistas entrevistados se

---

<sup>17</sup> Tendo como sede a cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, a Região Metropolitana tem seu núcleo composto pela conurbação de Florianópolis com municípios vizinhos, formando uma única área urbana contínua onde vivem cerca de 877.706 pessoas, o maior aglomerado populacional de Santa Catarina. O núcleo metropolitano é composto por: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas, São Pedro de Alcântara. Ao redor deste núcleo, 13 municípios constituem a área de expansão, totalizando 22 municípios na Região Metropolitana e uma população de 1.012.831 habitantes. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_Metropolitana\\_de\\_Florian%C3%B3polis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Florian%C3%B3polis)>. Acesso em: 26 mar. 2015.

deslocam dos bairros Lagoa da Conceição, Canasvieiras e Centro, para andarem no bairro da Trindade. Nos relatos eles afirmam andar de skate em outros lugares, não somente em pistas. Entretanto a Trinda aparece como ponto central de preferência, por questões como proximidade da casa, relação com os pares, aspecto material – diversidade de obstáculos do skatepark.

O conceito de *pedaço* para Magnani (1998), como já colocado, remete a questões de espaço, da participação regular dos indivíduos e de símbolos de reconhecimento e entendimento entre estes. O autor observou em suas pesquisas (MAGNANI, 1998) que a sociabilidade nas comunidades periféricas da cidade de São Paulo se dava, em seu tempo livre, para além da mera busca pela reposição das forças consumidas pela rotina do trabalho cotidiano: “Representava, antes, uma oportunidade, por meio de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade.” (MAGNANI, 2002, p. 20). Tudo isto amparado por regras e códigos, e não visto somente como relações aleatórias de moradores de certa localidade. Cabe ressaltar que Magnani desenvolveu este termo primeiramente no contexto de um bairro periférico, com características de vizinhança típicas de áreas residenciais, sendo que posteriormente transpôs este olhar para o centro da cidade.

Enquanto no bairro as relações mais próximas permitiam desenvolver códigos para o conhecimento de quem eram, de onde vinham, do que gostavam, etc., sobre as pessoas daquele local; em uma região central por outro lado, as relações eram marcadas por impessoalidades e anonimato, mas que ofereciam lugares de encontro e lazer, onde a ideia de pedaço se refaz. Ou seja,

diferentemente do que ocorria no contexto da vizinhança, os frequentadores não necessariamente se conheciam – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro – mas sim se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. (MAGNANI, 2002, p. 22).

A partir da contribuição de Magnani no desenvolvimento e aprofundamento do conceito de *pedaço*, foi possível demarcar como o conceito aparece nos relatos contidos nas entrevistas. Song, quando questionado sobre o que o atraía na Trinda, respondeu: “Eu gosto de andar lá porque, tipo, me atrai bastante a quadrinha. Mas também tem uma galera ali que eu gosto de tá junto e tal, tá conversando sempre”. Já Trujillo, que se preocupa também com a situação dos locais para a prática do skate, não abre mão da importância da companhia dos amigos.

Questionado se vem à Trindade com frequência, responde: “É, agora não muito, porque as pistas são precárias né. E quero evoluir meu skate, aí eu ando em outros *picos*<sup>18</sup>, tá ligado. Mas aqui é onde conheço mais gente, tenho mais amigos”. Ele reconhece também a importância do skate na construção de suas amizades: “Meus principais amigos, os que eu mais ando, mais converso, são todos skatistas. [...]. Eu sempre procuro fazer amigos por todo lugar que eu vou, tá ligado. Sempre conhecendo alguém. Mas a maioria foi por causa do skate. Tipo 90%”. Quando questionado sobre o fato da Trinda receber skatistas de vários bairros da cidade, Muska responde que ali

[...] reúne uma galera mais ligada ao skate. Não é simplesmente ter um skate. É querer acertar manobra, é conhecer a cena do skate. É tá por dentro, é querer tá com a galera que realmente anda de skate. Tem skatistas bons aqui. Tem skatistas profissionais que frequentam aqui. Então a galera tá sempre querendo se inspirar, se motivar, andando de skate num local onde realmente se anda de skate. O verdadeiro skate. O skate técnico. O skate espontâneo, o skate criativo. Todo mundo tem seu estilo.

Ou seja, “o *pedaço* é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (MAGNANI, 2002, p. 21). Desta forma, nosso olhar neste último momento foi o de entender este recorte do ambiente urbano enquanto um espaço de sociabilidade, carregado de regras e certos protocolos, onde os skatistas se reconhecem através do skate, mesmo que venham de outros bairros; onde reforçam seus laços de amizade; onde também se desenvolvem técnicas do skate. Para isto nos baseamos no conceito de *pedaço* desenvolvido por Magnani, mas também enquanto um *pedaço* skatista, assim como pensou Giancarlo Machado (2012), em suas observações em campeonatos de skate. Este, por sua vez, treinou tal olhar “analisando não só a estrutura, mas também as relações que são construídas em eventos como esses, [assim] percebeu-se que o *skatepark* pode ser considerado o *pedaço* dos skatistas” (MACHADO, 2012, p. 80. Inserção minha). Ainda segundo Machado,

estar junto de outros skatistas naquele local significa pertencer a um agrupamento que pressupõe o cumprimento de determinadas regras que garantem certa proteção. Qualquer skatista, independentemente de qual cidade for, ao entrar em um *skatepark* provavelmente estará em um ambiente seguro quanto à hostilidade entre os frequentadores, [...].” (MACHADO, 2012, p. 81).

---

<sup>18</sup> Termo nativo usado para indicar lugares onde se pode andar de skate que não necessariamente em pistas.

Manobra *front side blunt slide*, na quadrinha da Trinda.



Fonte: <[https://mamacavalo.files.wordpress.com/2011/02/img\\_4092-61.jpg](https://mamacavalo.files.wordpress.com/2011/02/img_4092-61.jpg)>. Acesso em: 11 jul. 2015.

### Considerações finais

Por mais que nosso caso aqui trate de um *skatepark* público, parte de uma praça esportiva, podemos flertar com esta ideia de pertencimento e segurança entre pares. Como se pretendeu demonstrar, a prática do skate no *skatepark* da Trindade em Florianópolis é parte da diversidade possível, no que se refere aos relacionamentos sociais, que ocorrem diariamente no meio urbano, de onde não se excluem os skatistas. Entendemos que o campo skatista não está além de outros campos sociais, tornando-o relativamente dependente de outros fatores, tentando desvendar sobre o fato do porque dentro da própria prática do skate de modo geral há interrupções e descontinuidades no desenvolvimento de certos discursos.

O desenvolvimento de uma *cultura skatista* está relacionado ao desenvolvimento das cidades e à maneira como as pessoas passaram a se relacionar com ela. Neste relacionamento

atentamos para os usos restritos a certos ambientes no intuito de pensarmos também que relações estamos desenvolvendo com este ambiente em que passamos nossas vidas. Neste sentido o olhar aproximado do que se passa em certos lugares pode nos oferecer pistas do quão dinâmico podem ser as práticas urbanas. Como coloca David Harvey (2013):

O direito à cidade [...] não é apenas um direito condicional de acesso àquilo que já existe, mas sim um direito ativo de fazer a cidade diferente, de formá-la mais de acordo com nossas necessidades coletivas (por assim dizer), definir uma maneira alternativa de simplesmente ser humano. Se nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser reimaginado e refeito. (HARVEY, 2013, p. 33).

Diante de um ponto de vista mais objetivo sobre o que se desenvolve no campo do skate, buscamos entender o desenvolvimento do *habitus* skatista e de como este ajusta e está sendo ajustado a todo tempo. Tudo isto não se dá no vazio, mas nos vínculos sociais estabelecidos pelos agentes, através dos laços de sociabilidade. Ao olharmos para esta pesquisa devemos sempre considerar que não foi o objetivo esgotar o tema da prática do skate no contexto explorado. A intenção acima de tudo foi explorar o cotidiano destes sujeitos, procurando desvelar ao senso comum, a variedade de informação, de intenção, de leitura do mundo que o skatista é capaz de fazer, assim como acontece em tantas outras instâncias da vida em sociedade.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo : Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro : Editora Marco Zero Limitada, 1983.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes**: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972 – 1989). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados / UFGD, 2006.

\_\_\_\_\_. Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica. In **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.32, n° 1, 2010.

\_\_\_\_\_. **“O surf de asfalto”**: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In **Skate e skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. MARICATO, Ermínia, [et al.]. 1. Ed. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 27 – 34.

KLEY, Edinara. **Mais que esporte, skate também é cultura em Florianópolis**. Abr. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/plural/156780-sem-ideia-de-titulo.html>> Acesso em: 2 out. 2014.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. “Todos juntos e misturados”: sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). **Skate & skatistas**: questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012, p. 63 – 86.

MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Editôra Perspectiva, 1969.

MAGNANI, José Guilherme. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. – São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, 17 (49): 2002, p. 11-29.

\_\_\_\_\_. O circuito dos jovens urbanos. In: **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2: 2005, p. 173-205.

MANCHA, Marcelo. **Santa Catarina Skatepark**. Its, Florianópolis, n. 98, p.16-17, jun. 2013.

OLIVEIRA, Cauê. Skatistas **lembram de campeonato histórico realizado em Jurerê**. Abr. 2008. Disponível em: <[http://blogdozero.files.wordpress.com/2008/05/pg15\\_abril.pdf](http://blogdozero.files.wordpress.com/2008/05/pg15_abril.pdf)> Acesso em: 2 out. 2014.

REVISTA 100% SKATE. **Edição especial entrevistas**. São Paulo, nº 62, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993.

VIEGAS, Marcelo. **A questão olímpica**. Out. 2012. Disponível em: <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/a-questo-olmpica>> Acesso em: 5 fev. 2015.